

O LÁPIS SOB O PÚBIS

Jonas Samudio*

JONAS SAMUDIO escreve, lê, corta e costura, alinhando textos e tecidos, corpo, feminino, mística, escrita, alguns vestidos. Cursou doutorado em Letras: Estudos Literários (PosLit-UFMG). Publicou: *a mais aberta* (Cas'a edições, 2017), *mão de fora e suas histórias*, com ilustrações de Kleriston Kolive (ed. do autor, 2017), *Demasiado alinhado sobre TTERESA* (ed. do autor, 2019), *os véus seus* (Revista *Em tese*, 2019), *pétala pele* (Cas'a edições, 2020) e *nós, as irmãs Brontë: seguido de outros textos* (ed. do autor, 2021).

[este texto foi publicado, pela primeira vez, na coletânea *(Des)encontros em contos*, organizada pela editora O sexo da palavra, em 2021, e, aqui, foi mantido na íntegra]

uma catarata
 para mergulhar
 a mulher homem
 e o homem mulher
 (Yona Wollach)

.
 ao terceiro dia, os pais sepultaram a filha, mas ela não permaneceu
 de todo morta; mais tarde, disseram que fora um engano, não o tú-
 mulo, mas a filha

talvez, agora vejo, seja necessário contar de um outro modo, arrancar
 a gaze que cobre este corte recente desde a infância, passar à frente,
 recolher o gesto

.
 quando nasci, meu pai não estava lá, e minha mãe dizia, não sem má-
 goa, que ele seguia a paixão das outras mulheres, a bebida e as festas,
 para as quais não a convidara, nem a mim; conosco estava a avó, a
 mãe dele, uma doce mulher que arrastava os chinelos, nas madru-
 gadas, como se dissesse, estou aqui, velho estorvo, e comia pão com
 mel, para adoçar, ainda que com um gosto de açúcar velho, os dias
 naquela casa de álcool, facas abruptas, carros partindo acelerados

.
 sim, é sempre recente o corte que, dia a dia, uma palavra, um olhar,
 um riso escancarado, reabrem como um murro
 acusatório

.

a avó morreu quando completei 10 anos, longe, na casa de outro tio; dizia-se que, todos os dias, ao menor som de um carro se aproximando, ela corria ao armário, tomava uma camiseta que comprara para meu aniversário, e, da porta da casa, recolhia-se para o quarto, coberta de saudades e de desapontamento

o pão de mel, hoje o creio, foi o primeiro modo de afagar a mágoa, mas o mel, mais que o pão, sempre teve cheiro de coisa antiga; e a doce cura é aquela que inventei à lâmina, a estilete

foi ela quem disse, assim que nasci, e me tomou entre suas mãos já idosas, trêmulas mãos de quem há muito não segurava outra entre as suas, ter visto naquele pequeno corpo um corpo que faltava ao pai

era a boca, pensou, deixando de lado quaisquer implicações genitais; mais tarde, pensei ter sido a voz, essa coisa estranha que em timbres brota e se destina aos confins do desaparecimento, um veludo que se move rouco

a avó, no mesmo dia, disse para consigo e também à mãe, esse estranho falta, e ela foi rápida em tomá-lo em suas mãos, tirá-lo da zona secreta; foi a primeira lâmina pousada sobre o púbis, ou lápis

e esta palavra, afiado gume, quase cortou rente a raiz da filha, é preciso repetir
quase, e a sepultou

naquele tempo, como até a pouco, o pai era a garantia dos filhos, era o portador do nascimento; ele tomou, do médico, a declaração: aos dezessete dias do mês de dezembro do ano de mil novecentos e oitenta e dois, nesta cidade perdida no interior das tradições, às oito horas de uma desconfortável manhã, com pai e mãe normais em uma família normal, já tendo um irmão e uma irmã normais, nasceu este menino

desnecessário dizer que a felicidade, ou seja, os lugares do herdeiro e da herdeira já estavam ocupados
sim, é um menino, o pedaço de carne nos conta, e vibraram as luzes daquela sala de parto, e as lâminas retribuíram a alegria, restando limpas, pacificadas

.
mas o que a felicidade não compra, cedo descobri, é a culpa, e eu também cedo

antes de ter voz própria, me acusei

.
primeiro, foi o médico, depois o pai, por fim o tabelião; não sei onde nasceu o erro, como disse minha mãe três dias depois, o fato é que, com os documentos na mão, meu pai foi cumprir a sina, documentá-la, pois só o documentado existe, verdade que range os dentes mascando um pedaço de papel timbrado

.
no dia em que nasceu acendeu a luz ambígua que ilumina seus dias, escrevo agora, eu nascido erro

.

três dias, a mãe retornou ao seu quarto, já se recuperara da comedi-
da perda de sangue, e umbigo a umbigo, calada de completa, como
sempre na sua ânsia de arrumos, tomou o papel e o abriu, a dobra
ainda não se tornara definitiva, e o susto assaltou aqueles pontos
ainda crus

.
homem ou mulher?, perguntam e perguntam cotidianas as crianças
e a velha senhora

eu sou gente, respondi aos trinta anos, ao que ouvi
é gente
mas a voz
é de mulher

.
o médico testificara, há uma carne a mais, registre o homem, mas o
documento como uma dúvida silenciosa escrevera
o sexo das mulheres ignorando o laudo

.
o estilete tem duas lâminas, há também o suporte plástico que evita
o corte, com ele aponto o lápis, se o aproximo da pele e o forço leve,
é possível desenhar alguma coisa, insto, não vê?, que sem sangue
também há desenho e desenho com sangue, a futura gaze me en-
cantará quando for uma tenda suspensa pelos quatro lados sobre a
concha em que eu me fui ela, aqui, vê, o estilete o outro a testemunha

.
por isso ele tem esse jeito? perguntariam constantes a irmã e o irmão

que jeito?, interrompia a mãe, eu tinha cerca de cinco anos, ou era o
meu desejo que ela o interrompesse, não o sei, a mãe era um silêncio

queixoso vagando pela ampla casa de varandas abertas, ampla casa em que as reformas não apagaram o esgoto; se minha mãe não interrompia a pergunta acusativa, eu lia que o jeito era o estranho àquela casa de desejos definidos e, lendo e lendo, eu pensava, todos os dias, diante do espelho e de lábios cerrados, diante do lápis de olho que era dela, lápis marrom embebido na saliva antes de nas pálpebras, depois do rouge e do batom vendido pelas duas irmãs solteiras, as donas do salão, tudo isso está tão longe, tão longe à mão em que declarava, quieto

eu me acuso

.

um corte é risco inteiro e eu o temo, sem dor até sem dor, se de desejo e lápis ele é feito

.

veja, disse a mãe, errou o sexo do terceiro filho, e apontou para o que jazia escrito, e o pai leu, finalmente, sexo feminino, mas ele é homem, respondeu, e há tempo para reparar, prosseguiu, sempre há tempo para reparar o erro do homem, realmente acreditava nisso, o escrivão confirmou, e ao que tudo indica todos ficaram em paz, sem saber que nunca reparavam tudo

.

este corte é o teu desejo com que o escrevo: puro contentamento, não sem dor e até sem dor

.

a acusação era sempre anterior à vontade, fosse qual fosse a acusação, tinha uma voz insinuada na densidade dos dias, ainda na infância; era essa voz que acrescentava à da minha avó, ele tem algo que

falta ao pai e o pai tem tudo, e nessa definição ficava escrito que ali o corpo não tinha jeito, a voz era estranha, seriam os cigarros que não fumei sempre envolto em fumaça?, perguntava, mas eles não respondiam

.
uma verdade feita a lápis se apaga fácil, mas não era
era fugaz voz que, por medo, não se agrava

.
nunca os tive, tons graves e pelos, nem na cara, desde antes; nas aulas de biologia, via as fotos anormais, o livro as declarava, os de hormônios e gônadas estranhas, tão ambíguos, tão ambíguos, dignos de dó, dizia a mãe quando lhe mostrava o livro, será necessário um médico?, acrescentava e, em seguida, mostra a axila, era a invectiva desejosa, que estranha axila, vera lisura total falta de pelos não fossem uns envergonhados fios do desespero

.
hoje
anos depois, a luz vermelha os cortou e cortou rente

.
será necessário um médico?, a mãe dizia, e o pai em silêncio, a coisa que mais me envergonha, diz, é quando com as costas das mãos sobre a testa ele diz, acho que vou morrer, nessas horas, de vergonha, com o dedo provooco nele o vômito, tentando que vomite a mulher que ele não come

.
cautério suave que fere e cura

.

na escola, como em casa, a lâmina não afiada cortava e mastigava de escárnio os testículos pequenos, o sentar que não abria as pernas, o rosto afilado em que ela não cabe, um corpo de andar sem marcha um medo que odiava

.
e foi-lhe dado um nome que mais tarde descobriu ser
uma poeta

.
o dedo já foi aqui o estilete, como o nome antigo que arranhava o barro, e escrevia para que ficasse dito, mas este dedo sobre a areia escreveu as cinco paixões; onde era o corpo, escrevi a areia, e dedo o lápis, acreditando que o desvio é um modo de dizer mais, o desvio, nem homem, nem mulher, um corpo encruzilhado, e tentando ser tão impreciso quanto este corpo, escrevo que, ao lado das águas de um nome, respingavam sobre a nossa frente as benditas gotas e, antes que nos molhassem, evaporavam; não a água, eu dizia, mas o alheio trajeto da nuvem de partículas gasosas

o sexo que me abençoa

.
no ar, o sopro do meu futuro rosto, nem homem nem mulher
mas vaporosa

.
se ao terceiro dia, os pais sepultaram a filha, e eu nasci outra antes de ter existido o nascimento, hoje escolho um nome de todos os sexos e com as mãos em concha empunho o lápis que me escreverá o púbis

.
o sexo, o livro, a nossa tarefa

.
esta história, desde a primeira vez, em todas as versões que dei a ela,
é um conjunto bastante pobre de duas ou três frases incompletas
e sôfregas; todo o gesto é também tão pobre de dizer e não o diz,
porque a palavra, entre nós essa que pudesse conter a coisa, a pro-
tuberância carnuda, o grito da coisa, a coisa que não essa palavra,
soma-se a outras igualmente pobres

esta palavra seria talvez a coisa dizendo a coisa

e elas continuam ponto a ponto mudas e tantas

.